

OS MOVIMENTOS INDÍGENAS NO BRASIL NO QUADRO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

André Luis Ramos Soares

Professor do Departamento de História, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
Coordenador da Cátedra UNESCO em Humanidades, Fronteiras e Migrações
andre.soares@ufsm.br

A questão indígena no Brasil é sensível para nacionais e estrangeiros. No país, mais das vezes, as opiniões leigas se dividem de forma dicotômica e antagônica, alguns protegendo seus direitos e tudo que compõe estes direitos (à terra, à educação, à saúde, à identidade, e principalmente, direito à diferença) e outros defendem slogans desenvolvimentistas nos anos 1970, anos de chumbo, aliás, como “é muita terra para pouco índio”, ou variações, como “é necessário levar o progresso aos índios”, e várias nuances. Tratar deste tema é sempre complexo e exige alguns esclarecimentos iniciais para evitar ampliar o fosso de ignorâncias e de reprodução acrítica de notícias falsas e de meias verdades que grassam pela mídia e pelos interesses corporativos ou do Estado.

Em primeiro lugar, os indígenas no Brasil são mais de três centenas de grupos diferentes, mais das vezes com língua, cultura e comportamentos muito distintos. No território de mais de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, distribuem-se sociedades caçadoras, pescadoras, marisqueiras, como também horticultoras, desde grupos com menos de uma centena de pessoas a etnias com milhares. A palavra de ordem aqui é diversidade.

Em segundo lugar, qualquer generalização é perigosa, arriscada, temerária, e, quase sempre, equivocada, para não dizer errada. Tanto em termos arqueológicos como atuais, a complexidade destas sociedades não é traduzível senão entender que são grupos diferentes, e portanto, não comparáveis senão com eles mesmos. A historicidade que se abateu sobre cada uma destas comunidades pode ter sido diferente, desde o contato com não indígenas no século XVI, até o isolamento no século XXI. Grupos que em nada se parecem, nem mesmo em termos genéticos, e que a única coisa que os unifica é o tratamentos que os “brancos”, ou não indígenas, dispensam a eles.

Mas, entre tantas diferenças, existem elementos que poderíamos arriscar chamar “filosóficos” que são registrados para todas as sociedades indígenas ao qual temos registro no período histórico. A relação com a natureza, distinta do velho testamento, não colocou a Terra e as águas à disposição do homem, mas ao contrário, os fez partícipes do território, das paisagens e de outras sociedades. Talvez um dos registros mais emblemáticos seja o do Padre Jean de Lery, em diálogo com um velho indígena Tupinambá, no século XVI: “vejo que vós outros franceses sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais para amontoar riquezas para vossos filhos e para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutris suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois de nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados”.

Assim eles tratam o meio: sem derrubar além do que é necessário, ou pescar além do que é possível comer. Não existe a imprevidência, como foi apontado pelos padres jesuítas e de outras ordens religiosas, apenas a certeza de que, segundo seus usos e costumes, a terra não deixaria de fornecer o necessário para o alimento do corpo e da alma. Não estará na exploração insaciável da natureza a origem de todos os desastres?

Então, as comunidades indígenas, de forma geral, apontam para a mesma direção que foi registrado como a “Carta do Chefe Seattle”, destinada ao presidente dos EUA, Franklin Pierce, em 1854: “O que ocorrer com a terra, recairá sobre os filhos da terra. Há uma ligação em tudo”.

Longe de ser um vaticínio, desde onde escrevo, o estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, parece demonstrar que estas palavras estão mais corretas que nunca. Após a maior enchente registrada na história deste território, diversas vozes se levantam para perguntar: o que está nos dizendo a natureza?

Santa Maria, 05 de agosto de 2024.